

NEABI DENEDO APRESENTA



DOMINGO ENSOLARADO

Um conto de
ISRAEL LUCAS



INSTITUTO FEDERAL

Alagoas

Campus
Penedo



Realização

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas
Campus Penedo

Apoio

Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi)

Projeto

Domingo Ensolarado

(Edital 03/2023 – Projetos artístico-culturais – Neabi)

Coordenação do projeto

Márcio Abreu de França

Aguimario Pimentel Silva

Autor do texto

Israel Lucas Ferreira dos Santos

Ilustradora

Kaylhane Vasconcelos Brandão

Revisão e copidesque

Aguimario Pimentel Silva

Penedo – Alagoas

2024

APRESENTAÇÃO

O conto que você lerá nas próximas páginas é o retrato de um povo, de uma história e de uma cultura. “Domingo Ensolarado” é o resultado de um projeto artístico-cultural homônimo do Instituto Federal de Alagoas - Campus Penedo, desenvolvido com o apoio do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) e coordenado pelos professores Marcio Abreu de França e Aguimario Pimentel Silva.

Ambientada em Tabuleiro dos Negros, povoado quilombola da zona rural de Penedo/AL, a história retrata com sensibilidade as experiências das populações afrodescendentes no Nordeste. O conto reflete um desejo do autor: destacar a cultura local. A narrativa desenvolvida por Israel Lucas promove uma representação precisa das culturas quilombola e nordestina. Segundo o escritor: “Essa não será mais uma história que debocha dos nordestinos e desvaloriza as pessoas negras. O enredo traz uma temática plural e regional, mostrando o brilho extraordinário das nossas raízes”.

Afastando-se das representações caricatas e convencionais, a *designer* e ilustradora Kaylhane Vasconcelos Brandão, colaboradora do projeto, abraça a identidade regional e procura retratar autenticamente, através da arte visual, as experiências de seu povo. Aqui, palavra e imagem se unem para contar uma história cheia de emoções, celebrando a resiliência, a diversidade e a beleza da vida.

Tendo como inspiração a *influencer* e palestrante Gabi Oliveira, o autor enfatiza a importância da criação de narrativas. Nas palavras dele: “Criar novas narrativas é fundamental para quebrar barreiras e fortalecer comunidades no Nordeste. Essa iniciativa é crucial para fortalecer nosso povo e nossa região. Com isso, abandonamos a dependência das representações midiáticas e assumimos o controle de nossa própria história”.

Boa leitura!

DOMINGO ENSOLARADO

Num caminho próximo ao Tabuleiro dos Negros, um jovem vaqueiro surgia montado em seu cavalo. Muitos meses haviam se passado desde sua saída do povoado. Faltando ainda um tanto para chegar, Jeremias encontrou conterrâneos seus. Entusiasmado, cumprimentou-os. Em seguida, saiu à procura de sua melhor amiga. Ao vê-la descendo uma ladeira, lançou uns assobios, como um passarinho, um típico gesto do rapaz. Percebendo a familiaridade daqueles sons, Samarina olhou para trás e reconheceu o amigo.

— Olha só quem voltou! — exclamou ela, demonstrando empolgação.

Como fariam o mesmo caminho, os dois seguiram conversando.

— Como vão as coisas por aqui? — perguntou Jeremias.

— O de sempre — respondeu Samarina. — Acordar cedo pra carregar as bacias, colher o arroz, pescar uns peixes com a minha mãe, coisas assim.

— Hmm... mas e aquela parada de tocar pandeiro? Continua fazendo?

— Enquanto dá pra fazer uns bicos, continuo na atividade. Tem me ajudado com as contas de casa.

— Ainda bem. É o que sempre disse. Continua nesse ramo, porque tem futuro.

— Eu sei! Não vou largar à toa. Ainda mais agora, com o acordo da gravadora.

Jeremias ficou surpreso. Ao ser questionada, Samarina explicou como foram os seus últimos meses. Aos domingos, era corriqueira a presença dela nas feiras, onde preparava seu espaço para cativar as pessoas através de cantos e batidas. Foi em uma dessas apresentações que a jovem conheceu uma mulher de Recife, uma caça-talento fascinada com sua *performance*, assim como o restante do público.

Ali foi plantada a semente do reconhecimento. Ela cresceu e gerou um bom fruto. Antes, um modesto “parabéns”; agora, uma proposta irrecusável: iniciar a parceria com uma gravadora.

— Peraí! — exclamou Jeremias. — Você vai lançar sua própria música?

— Exatamente! — afirmou Samarina. — Isso não é ótimo!?

— Ótimo? Isso é incrível! Você fogueou uma grande chance, e ela está em suas mãos.

— Pois é! Cê devia ter visto a cara da minha irmã quando falei disso. Foi um festejo lá em casa!

— Festejo mesmo vai ser no dia do lançamento. Já pensou? Todo mundo reunido, ouvindo sua música no rádio. Olha, isso vai ser um evento e tanto.

— É... quem sabe, né?

Vê-la crescer gerava orgulho no jovem vaqueiro. Mas ele tinha um olhar atento aos mínimos detalhes, típico de um filho de Oxóssi. O desgosto da amiga era visível na sua face. As mãos trêmulas e fechadas

deixavam isso mais evidente. Alguns passos antes da porteira, o jovem quilombola fez um sinal para o cavalo parar. Cauteloso, fez uma pergunta:

— Tá tudo bem com você?

Instantaneamente, ela respondeu, transformando a insatisfação em um leve sorriso:

— Comigo? Tá tudo ótimo! Por que pergunta?

— Por nada não. É que olhei pra você e... me pareceu estar chateada com alguma coisa.

Naquele momento, a garota respirou aliviada, pois seu amigo reconheceu o fardo. Sentiu-se mais à vontade para desabafar.

— Sua intuição foi certa.

— Sério!? Mas o que te deixou assim?

— Jeremias... Tenho algo importante pra te dizer.

Naquele momento, uma voz grave ecoou na direção dos dois. Diante deles, estava Seu Benedito, avô de Jeremias, utilizando seu lindo colar de búzios. Carregando um chapéu na mão, chamou a atenção:

— Ei, Samarina! Já terminamos o ponto. O trio tá te esperando.

Ela voltou os olhos para seu vaqueiro favorito:

— Tenho que ir. Depois a gente se fala.

Naquele instante, Seu Benedito olhava Jeremias. Aproximando-se, segurou o chapéu e colocou-o no próprio peito, como se carregasse toda a admiração no coração. Nem mesmo a grande barba escondia sua felicidade. Um pouco rouco, porém sorridente, o velhinho de camisa branca falou:

— Um bom filho à casa torna!

O rapaz foi recebido de braços abertos. Descarregando sua saudade, correspondeu abraçando o avô.

— E aí, meu preto velho! Tudo certo com o senhor?

— Meio a meio, né, meu filho?

Porteira adentro, Benedito levou o neto. Deixando o cavalo num cercado apropriado, os dois foram até o terreiro. A energia do ambiente animou Jeremias, embora seguisse pensando no que Samarina tinha para falar.

A animosidade era grande naquele lugar. Era o dia de Cosme e Damião. Não diferente dos anos anteriores, as famílias vizinhas organizaram uma festividade. No Tabuleiro dos Negros, quem vivia da pesca e da plantação não tinha uma “distração” nos dias livres. Logo, essa era uma boa ocasião para chamar os parentes, os amigos e os conhecidos do povoado.

As pessoas se reuniram no terreiro, onde rodeavam as batidas do atabaque e as palmas das mãos. No mesmo espaço, as crianças quilombolas jogavam suas ximbras, deixando alguns grãos de areia na ponta dos dedos. Mulheres e homens transmitiam uma satisfação coletiva, expressa pelos sorrisos com o brilho de jaspe.

Enquanto conversava com seu avô, perto de um forno a lenha, Jeremias observava Samarina, que, ao lado de três músicos, se preparava para cantar “Pai Orixá”. Todo ano era formado o quarteto musical. Cada

integrante tinha seu instrumento. Ela, com seu típico pandeiro; os demais, com sanfona, triângulo e zabumba.

A energia dos quatro era fora da corrente. Quem estivesse perto, recarregava os ânimos. Os três músicos se destacavam igualmente. Contudo, a versatilidade da vocalista fazia dela o “coração” do grupo. Fosse coco ou baião, xote ou embolada, qualquer som ela conduzia.

Os dias de sua infância foram cruciais. Quando mais nova, Samarina e sua irmã costumavam passar várias tardes de diversão na casa de Jeremias. Pião, ximbra, corrida e ciranda eram algumas das brincadeiras prediletas. Certa vez, ela ganhou um presente de aniversário de seu amigo: um pandeiro usado que pertencera ao primo dele.

Tentando escapar dos conflitos familiares, ela passou a utilizar o instrumento com mais frequência. Na ânsia de aprender a tocar, a menina constantemente escutava as músicas de Jackson do Pandeiro no rádio de sua mãe. Tornou-se habilidosa com o tempo.

Anos depois, para ajudar a mãe com as despesas, Samarina procurou trabalho. Mesmo sendo julgada, isso não a impediu de correr atrás de seus objetivos. Ainda assim, estava insatisfeita com sua situação financeira, pois o rendimento de seu esforço era insuficiente para o que desejava. Dizia: “O dinheiro só serve para a feira da casa. Para as outras coisas, não sobra quase nada”.



Houve uma decisão por parte dela: inimaginável para uns, supérflua para outros. Quase ninguém enxergava seu brilho, exceto Jeremias, que foi quem apoiou a ideia da garota de se tornar uma artista de rua. Desde então, ela conquistara a popularidade e o dinheiro necessários para pagar as dívidas da família. Das festas juninas aos pontos dos orixás, sua presença era sempre esperada. Naquela tarde não foi diferente.

Embora não tivesse comparecido ao ponto de Erê, a quilombola dos cabelos cacheados cumpriu seu ofício, ecoando batidas consistentes e uma voz suave. A *performance* de Samarina refletia sua natureza dupla: entre a força e a leveza, como as ondas, como a correnteza.

Duas horas depois, a banda finalizou a apresentação. Samarina descansou. Sentou-se numa cadeira de madeira que estava próxima a uma fileira de mesas plásticas. Jeremias também pegou uma cadeira e sentou-se a sua direita. Ele voltou a conversar, mas não tocou no assunto que haviam interrompido mais cedo. Afinal, a alegria de sua amiga era o mais importante. Ele não queria “estragar” o momento.

Durante a conversa, havia uma fascinação indescritível entre os dois, algo que somente os brilhos em seus olhares negros conseguiam evidenciar.

Seu Benedito comia as delícias da tarde. Em frente à dupla, ele olhou para o céu e pode sentir um chamado, um vento forte e incomum pairando sobre a pele. Para quem estava ali, aquilo era uma banalidade da natureza. Entretanto, o preto velho já tinha ciência. Sapiente, exaltou a beleza do pôr do sol.

— Já viram um sol como o de hoje? É uma beleza, né? Lá atrás, no bosque, fica uma maravilha de se ver.

— O Jeremias fala disso direto — disse Samarina.
— Deve ser muito bonito.

— Com certeza! — confirmou o rapaz. — É um lugar calmo, fresco. Tem até um riacho.

— Ei, por que não a leva lá? — insistiu Benedito.
— Tenho certeza de que irá gostar.

Jeremias olhou o avô com certa relutância, mas achou que a ideia seria interessante.

— E aí? Quer mesmo ir?

— Quero! É bom conhecer novos lugares.

Saíram os dois do terreiro até o fundo do quintal, onde havia uma rota para o bosque. Seu Benedito olhou o céu, novamente, e se sentiu realizado por alguma razão.

Como “guia” do caminho, rodeado de árvores e gramas, o jovem vaqueiro compartilhava os detalhes de sua jornada nas pistas.

— Eita! — exaltou Samarina. — Não sabia que essa técnica era tão eficaz.

— Pois é — salientou Jeremias. — O cara é um baita domador. Ele foi quem me ensinou a domar direito. Amansar o cavalo é o primeiro passo para domá-lo.

— Tá vendo? Até nisso deve haver cuidado.

— E tem que ser assim mesmo! Muitos cabras por aí só sabem judiar dos bichos.

— Pois! Não foi por isso que seu cavalo pegou um trauma? Você mal podia tocar que ele já se afastava...

— Nem me fale. Vê-lo naquele estado, cheio de cicatrizes no pescoço, me deixava aborrecido. Como pode alguém fazer isso com um animal?

— Só gentinha mesmo! Se não fosse por você, o coitado teria ficado preso na estrada, amarrado e com o sol na cabeça. Ainda bem que você fez questão de cuidar dele. E veja só, hoje é o seu parceiro nas vaquejadas.

— Tenho muito orgulho do meu bicho. Se não fosse por ele, nunca teria chegado aonde cheguei.

A moça era bastante atenciosa com quem fosse recíproco com ela. Quem ganhava sua atenção tinha um lugar em seu coração. Seu amigo ocupava esse espaço, mas num lugar diferente do das outras pessoas.

Na beirada do cercado havia um grande terreno onde se encontravam duas bezerras deitadas à sombra de uma árvore. Jeremias observou um pé de jamelão próximo à cerca e parou para catar algumas frutinhas caídas. Samarina ficou observando enquanto o amigo ainda elogiava sua *performance*.

— Foi sensacional! As pessoas olhavam pra mim com admiração. Eu me senti uma superestrela.

— Viu? Eu não te falei!? E você ficou toda ansiosa por causa do vestido. Nem precisava se preocupar.

— Não tem jeito. Se eu me olhar no espelho, já fico pensando no meu visual. Todo cuidado é pouco. Uma renovada não faz mal a ninguém.

— Você já é linda. Com essa roupa, então, ficou mais linda ainda. Não tem por que se pressionar.

A tocadora de pandeiro tinha um enorme apreço pelo espelho. Nunca estava totalmente satisfeita com o cabelo e as roupas. Muitas vezes, arrumava-se até mesmo para simplesmente ficar em casa. Sempre fora assim.

Trazendo os jamelões, Jeremias ofereceu a Samarina, que alegremente aceitou. O vaqueiro levou o restante para as bezerras, fazendo um sinal para atraí-las.

— Ei, Jeremias! — perguntou, acariciando uma das bezerras do cercado. — É por aí que fica o bosque?

— Isso — respondeu, olhando na direção mencionada. — Bem ali mesmo. Vamos!

Abandonando o cercado, a dupla chegou ao bosque. A vista daquele ambiente era de encher os olhos. O céu e as nuvens tinham tons de caramelo, refletidos pelo riacho. O chão era de um verde vivo, coberto de flores. As árvores circundavam os morros e as águas puras.

Uma borboleta amarela sobrevoava as pétalas das rosas, sendo perceptível aos olhares de Samarina e Jeremias. Ambos caminhavam admirando aquela obra-prima da natureza. Parecia uma pintura de Yêdamaria, cheia de cores vivas.

— E a história com a gravadora? Já tem pensado na letra da música? — perguntou ele.

— Não pensei. Eu já fiz! — respondeu ela.



— Sério? E como ficou essa música?

— Tá na minha caderneta. Deixei no meu quarto. Mas tenho o refrão na cabeça. Se quiser, você pode ser o primeiro a ouvir.

A expectativa sobre o interesse do amigo foi realizada. Preparando a voz, abriu o seu sorriso resplandecente e iniciou um belo canto:

*"Vivendo a cada momento
Neste lugar incandescente
Perto de ti, por muito tempo
eu senti um amor latente.*

*Nesse teu olhar eu reconheço
os seus anseios de um desejo
Onde se encontra a vontade
de desfrutar um suave beijo.*

*Ô, meu bem, se permita amar
quero te abraçar, te beijar
quero aproveitar e passar
cada minuto ao seu lado.*

*Nessa tarde vamos viajar
e iremos juntos mergulhar
nas águas doces daquele rio
neste domingo ensolarado."*

“Domingo Ensolarado”, a primeira música de Samarina. Jeremias admirava cada verso. As vivências dos dois, desde quando se conheceram até aquele momento, percorriam os trilhos da memória.

Com o questionamento sobre a música, o desconforto do início da tarde regressou. Porém, sentindo-se mais determinada a aceitar a situação, ela finalmente desabafou.

Para iniciar uma carreira musical, seria necessário deixar o povoado e partir para Recife, onde ficava a gravadora. A ideia de desamarrar os laços com o lugar onde nasceu tornava-se um sacrifício. Por outro lado, essa seria uma grande oportunidade. Por conta disso, sua despedida estava planejada para o dia seguinte.

Aquela reação estranha no começo da tarde foi compreendida por Jeremias. Ele chegou a afirmar que faria o mesmo pela sua família. Ainda assim, o vaqueiro se sentiu abalado. Não por conta da decisão tomada pela amiga, mas por não ter sido sincero com ela e consigo mesmo. Durante os milhares de dias ao lado de Samarina, Jeremias “escondia” seus sentimentos verdadeiros. Foi só naquele momento que, mesmo inseguro, abriu seu coração.

— Antes de ir embora, quero que saiba a verdade. Por todo esse tempo, eu não fui sincero contigo. Pode parecer tarde demais pra falar, mas preciso admitir. Eu tenho um grande amor por você.

Imaginar a indiferença de Samarina deixou o rapaz um pouco envergonhado. Entretanto, a reação foi inversa.

— Nunca imaginei vê-lo tão inseguro. Eu achava que era a única a sentir isso. Esse medo de amar...

Os dois guardavam um amor puro, cuja força não conheciam, sequer chegaram a reconhecê-lo antes, por motivos particulares.

— Pode parecer uma bobagem esse medo — disse ela.

— De forma alguma! É normal se sentir assim. Só acho que você poderia ter falado disso comigo.

— Quando eu pensava num próximo passo, tinha receio de não ser algo duradouro e, pior, que talvez acabasse com o que construímos antes. Por isso, tentei ignorar esse desejo. Mas toda vez que te vejo meu coração dispara.

— Samarina, você sabe bem quem eu sou. Não havia necessidade de estar desconfiada.

— Esse receio se apagou com o tempo. Mas escolhi dizer isso na pior das circunstâncias.

— Não, não! Quem errou foi eu. Eu não queria ser malvisto por você se tocasse nesse assunto. Foi desnecessário, eu sei. Mas jamais quis perder o contato contigo.

Os olhares sinceros se encontraram. Ambos estavam felizes por sentirem o mesmo amor. Todavia, o dia estava acabando. O que eles poderiam fazer agora? Haveria continuidade nessa relação?

— Olha, eu sei que não fomos sinceros um com o outro — disse Samarina, acariciando o cabelo cacheado de Jeremias. — E sei que essa não é a melhor hora para nós dois. Mas, se é isso que o destino nos reservou, vamos aproveitar.

Diante de seus olhos, Jeremias viu o rosto dela se aproximar. Sua boca fez uma abertura para os lábios carnudos de Samarina. Ali estava prestes a ser feita a primeira demonstração de afeto, como um casal. Todavia, um barulho interrompeu.

— Você ouviu isso? — perguntou Jeremias.

— Bom, não — respondeu Samarina. — Talvez seja alguém te chamando, né?

— Na verdade, estou falando desse som. Ouça.

Em silêncio, ela pode escutar. À medida que o som ficava alto, mais forte ficava a ventania. Era irreconhecível até começarem os cantos. Sobrevoando as nuvens, as andorinhas foram aparecendo aos poucos, formando uma revoada. Juntas, centenas de aves voavam em torno do bosque.

Era uma sensação magnífica, nunca sentida. Instantaneamente, os dois ficaram fascinados. Nova troca de olhares, um abraço. Sob o som das andorinhas, Samarina e Jeremias deram um doce e suave beijo na boca.

A revoada tomou um novo rumo. As aves se distanciaram daquele ambiente. Seu voo foi perceptível tanto no terreiro quanto no resto do povoado. Seu Benedito ficou surpreso quando uma das andorinhas desceu e pousou em seu joelho.

Quando o preto velho aproximou o braço dela, a pequena ave pulou no pulso. Emocionado, Seu Benedito disse:

— Voa, andorinha, voa!

A andorinha voou e voltou para o bando, que a levou. Todas elas saíram e foram ao horizonte infinito. Voltando ao terreiro, Samarina e Jeremias se encontraram com o preto velho.

— O senhor viu a revoada? — perguntou o neto.


— Eu vi! — respondeu o avô. — Uma até voou pra perto de mim. Pelo visto, com vocês não foi diferente.

— Peraí, como o senhor sabe? — indagou Samarina.

— Um bom mestre conhece os sinais. O que vocês tiveram no bosque foi um sinal. Nessa revoada, as andorinhas carregam a suavidade e a persistência, levando-as até os céus. Nossas forças chegaram a Oxalá e irão retornar dele para todos.

Após a “visita” das andorinhas, Samarina e Jeremias buscaram aproveitar cada minuto juntos. Quando o trio voltou a tocar, os dois começaram a dançar no terreiro.

O tempo engole o mundo, mas não o amor. Esse sentimento permeia os dias e as noites. Transcendendo qualquer distância, os corações permanecem entrelaçados. Se o destino decidir, pode haver outra chance, através da qual eles possam ficar juntos novamente.



Tabuleiro dos Negros, a terra onde o vento faz canção e entrelaça os laços da união. Com a Samarina e o Jeremias, isso não é uma exceção. Numa longa jornada cheia de altos e baixos, os dois nunca deixaram a amizade de lado. Desde os tempos mais serenos até as atuais preocupações, continuavam sendo parceiros das grandes recordações.

